

## **O Rio Purus como Estrada de Acesso ao Ensino Médio para Estudantes de Comunidades Tradicionais de Beruri - AM**

The Purus River as an Access Road to High School for Students from Traditional Communities in Beruri – AM

El río Purus como Vía de Acceso a la Enseñanza Secundaria para los Alumnos de las Comunidades Tradicionales de Beruri – AM

**Fabio Gomes da Silva**

Universidade de Santa Cruz do Sul, Santa Cruz do Sul, Rio Grande do Sul, Brasil.

<https://orcid.org/0000-0001-6935-1114>

**Virgínia Elisabeta Etges**

Universidade de Santa Cruz do Sul, Santa Cruz do Sul, Rio Grande do Sul, Brasil.

<https://orcid.org/0000-0002-6976-8363>

**José Antonio Moraes do Nascimento**

Universidade de Santa Cruz do Sul, Santa Cruz do Sul, Rio Grande do Sul, Brasil.

<https://orcid.org/0000-0002-0083-1918>

**Resumo:** Neste ensaio busca-se analisar o trajeto percorrido por estudantes, oriundos de comunidades tradicionais da Amazônia, pelo Rio Purus, em direção à Escola Estadual de Ensino Médio na cidade de Beruri. Para tanto, utilizou-se investigações de caráter observacional

e entrevistas com estudantes que utilizam o transporte de barco no referido trajeto. O estudo foi desenvolvido em cinco comunidades ribeirinhas, nas quais não é oferecido acesso ao Ensino Médio, apenas o Ensino Fundamental. Na análise do tema ressalta-se a importância do rio Purus como “estrada” para acesso ao Ensino Médio. Verificou-se que alguns estudantes passam mais de sete horas no barco diariamente, realizando o trajeto de ida e retorno da escola, fato que pode interferir na qualidade de sua aprendizagem, considerando o desgaste físico e emocional, além dos riscos inerentes ao trajeto realizado no barco pelo Rio.

**Palavra-chaves:** Município de Beruri; Comunidades tradicionais; Ensino Médio, Rio Purus.

**Abstract:** The aim of this essay is to analyze the route taken by students from traditional Amazonian communities along the Purus River to the State High School in the city of Beruri. To this end, we used observational research and interviews with students who use boat transportation on this route. The study was carried out in five riverside communities where there is no access to secondary education, only primary education. The analysis of the theme highlights the importance of the Purus River as a “highway” for access to secondary education. It was found that some students spend more than seven hours on the boat every day, traveling to and from school, a fact that can interfere with the quality of their learning, considering the physical and emotional strain, as well as the risks inherent in traveling on the boat along the river.

**Keywords:** Municipality of Beruri; Traditional communities; Secondary education; Purus River.

**Resumen:** El objetivo de este ensayo es analizar la ruta que siguen los estudiantes de las comunidades tradicionales amazónicas a lo largo del río Purús para llegar al Liceo Estatal de la ciudad de Beruri. Para ello, se recurrió a una investigación observacional y a entrevistas con estudiantes que utilizan el transporte fluvial en esta ruta. El estudio se llevó a cabo en cinco comunidades ribereñas donde no hay acceso a la enseñanza secundaria, sólo a la primaria. Al analizar el tema, se destacó la importancia del río Purús como «vía» de acceso a la enseñanza secundaria. Se constató que algunos alumnos pasan más de siete horas diarias en la embarcación, viajando de ida y vuelta a la escuela, hecho que puede interferir en la calidad de su aprendizaje, considerando el esfuerzo físico y emocional, así como los riesgos inherentes al viaje en la embarcación por el río.

**Palabras clave:** Municipio de Beruri; Comunidades tradicionales; Enseñanza secundaria; Río Purus.

## Introdução

O acesso à educação tem sido um grande desafio para diversos grupos sociais, principalmente para aqueles que estão em locais com menor número de instituições de ensino. Por isso, adolescentes e jovens, em busca de maior autonomia e realização pessoal, articulam condições objetivas e subjetivas para a realização dessas escolhas, a partir das possibilidades existentes. É o caso dos estudantes das comunidades tradicionais do entorno do município de Beruri, no Estado do Amazonas, que se direcionam para a cidade a fim de cursar o Ensino Médio.

No entanto, como a paisagem da região amazônica é caracterizada por inúmeros rios e as vias de locomoção e transporte são principalmente as fluviais, temos que pensar sobre a centralidade da hidrografia e, especificamente do rio Purus<sup>1</sup>, no caso em análise. A importância deste rio vai além das fronteiras brasileiras. Sua nascente localiza-se em território peruano, de onde segue pelos estados brasileiros do Acre e do Amazonas, até desaguar no rio Solimões, à sua margem direita.

Vários registros retratam a importância do Rio Purus no processo de ocupação daquele território. Enquanto em outras partes da Amazônia a empreitada da coleta das ‘drogas do sertão’ vinha ocorrendo desde o processo de colonização portuguesa, no rio Purus o registro de ‘coletores de drogas’ ocorre somente a partir do início do século XIX, gerando grande movimentação. Os exploradores ficaram na história oficial como os ‘grandes homens’ do rio Purus, homens que abriram caminho para exploração da borracha naquele rio e em toda a região posteriormente denominada Acre. (Araújo & Sugizaki, 2020)

Em 1905 Euclides da Cunha relatava a presença de homens brancos navegando pelas margens do rio Purus na floresta amazônica: “era ainda um intruso impertinente, porque chegava sem ser esperado nem querido - quando a natureza ainda estava arrumando o seu mais vasto e suntuoso salão.” (Cunha, 1922, p. 6).

Entretanto, historiadores apontam que os primeiros registros de navegação nessas águas foram realizados pelos colonizadores que buscavam conhecer essa região a fim de explorá-la. Em 1542 o cronista Gaspar de Carvajal relatou os primeiros massacres de indígenas nessa região pela expedição de Francisco Orellena, que percorreu o rio Purus em busca do chamado Eldorado (Cesco & Bezerra, 2021)

Dessa forma, a partir do século XVI iniciam os intensos conflitos entre os colonizadores portugueses e os nativos, fazendo com que muitas etnias indígenas acabassem se expandindo pelo médio e baixo Purus. Com isso, houve uma ampliação do povoamento das áreas ribeirinhas, uma população que até os dias atuais continua vivendo e convivendo com e do rio.

Logo após as principais expedições oficiais de exploração e de reconhecimento, segundo Araújo & Sugizaki, (2020), percebeu-se que, aos poucos, o rio Purus foi se transformando, com a instalação do primeiro estabelecimento “exógeno”, em 1852, pelo pernambucano Manoel Nicolau de Melo que, situando-se no lago Aiapuá, abriu caminho para

---

<sup>1</sup> O antigo nome do rio Purus, segundo Dom Macedo Costa, era Puru-Puru da tribo dos Purupurus que habitavam as suas margens. São esses mesmos índios hoje chamados Paumaris, corrupção de Poá (eu) e Mary (gente). Era como eles respondiam aos brancos que muito admirados por vê-los inteiramente pintados, perguntavam, lhes quem eram. "Eu gente", respondiam. (Ferrarini. 1978, p.16).

outros. Em 1857, quarenta famílias do Maranhão e do Ceará seguiram o migrante cearense João Gabriel de Carvalho e Melo. Essas famílias estabeleceram residência perto da foz, numa localidade conhecida como Itapá, e assim o Purus foi ganhando seus “povoadores”, que encontravam como inspiração para os seus negócios produtos como seringa, salsa, castanha, óleo de copaíba, manteiga de tartaruga e outros gêneros. Comerciantes de Manaus e outras cidades eram seus compradores.

Crescendo a população do Purus, era preciso facilitar-lhe a vida com um transporte rápido e seguro. Em 1858 e em 1860, os presidentes do Amazonas tinham cogitado da criação de linhas de navegação para lá. Mas só em 1869 a ‘Companhia Fluvial do Alto Amazonas’ dava início ao serviço, até Hyutanahan, com o vapor ‘Madeira’ [...] A navegação a vapor abriu, então, perspectivas magníficas à colonização do grande vale (Reis, 1953, apud Araújo & Sugizaki, 2020, p. 640).

O Rio Purus encanta pela sua diversidade cultural e biológica, o que foi exaltado pelos primeiros viajantes, quando destacavam as farturas vertiginosas dos tabuleiros de tartarugas, dos pirarucus e peixes-boi, com detalhes que impressionaram seus narradores.

Tal contexto é visualizado e vivenciado pelos moradores das comunidades tradicionais e, particularmente, pelos jovens que vivem nesses lugares, deslocando-se de suas casas, na floresta e nas margens do rio, até a cidade para cursar o Ensino Médio. Para os estudantes, o rio Purus é considerado o “caminho ou a estrada”, que lhes permite essa mobilidade. A dinâmica do rio ajuda a adquirir conhecimentos sobre agitação das águas, os banzeiros<sup>2</sup> ou sua tranquilidade, sem o vento. Por isso, para compreender melhor essa realidade, se reconhece que o território não é apenas fundamento do Estado-nação, mas, como afirma Santos (1993), deve ser entendido como território usado, como conjunto de objetos e ações, moldados pela ação humana ao longo do tempo.

A região amazônica, como um todo, além da extensão territorial e de suas riquezas naturais, “apresenta uma pluralidade étnico-cultural (quilombolas, indígenas, ribeirinhos, caboclos, seringueiros, entre outros), advinda do processo de colonização e miscigenação” (Fernandes & Moser, 2021, p. 533).

Neste estudo, portanto, busca-se compreender as comunidades ribeirinhas do Rio Purus, integradas por esta pluralidade étnico-cultural, com ênfase na interação dos jovens com o rio, para chegar na Escola Estadual de Ensino Médio na cidade de Beruri.

---

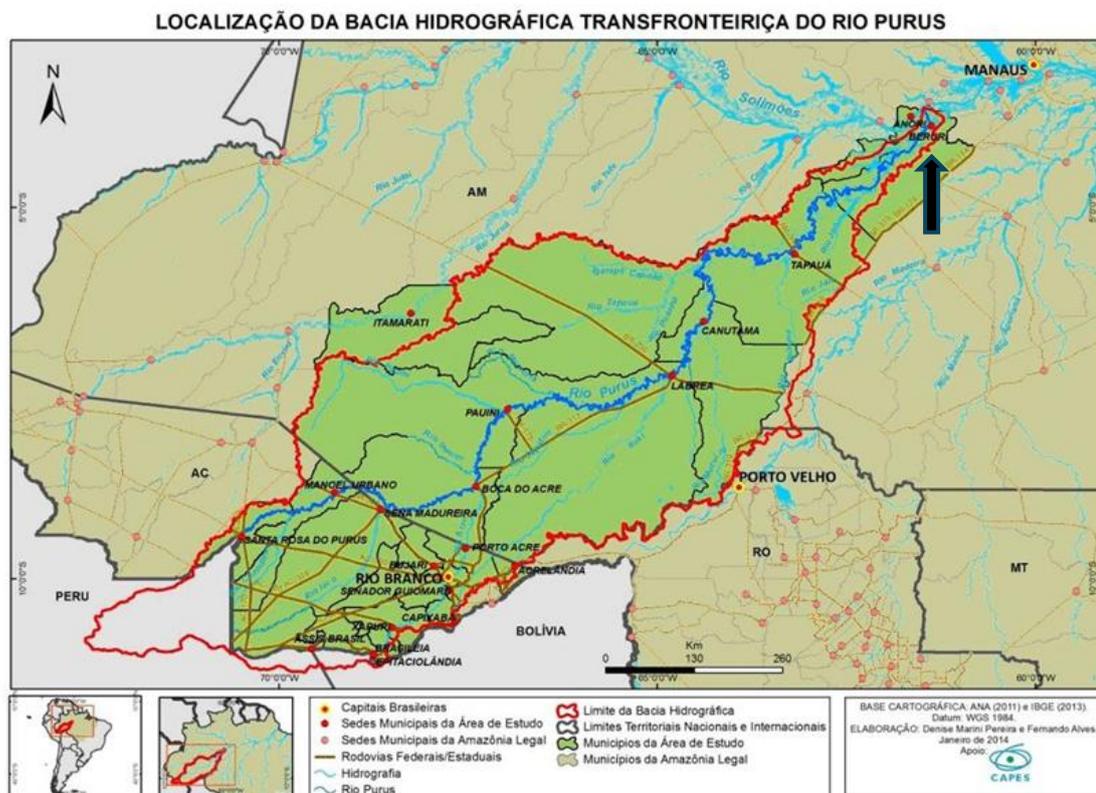
<sup>2</sup> O termo banzeiro nos rios da Amazônia geralmente está associado ao vento, que agita a água e, dependendo da sua velocidade, as ondas podem ser maiores, podendo ser geradas também através do movimento dos barcos. (Oliveira, 2022).

### **Conhecendo o lugar**

O foco do estudo é analisar o trajeto de alunos de cinco comunidades localizadas na margem direita do rio Purus, que são Fazenda Braga, Seringal, Lírio do Vale, Nossa Senhora de Aparecida e Nossa Senhora do Perpétuo Socorro.

A bacia hidrográfica do Rio Purus se situa na porção sul-ocidental amazônica. Esta bacia é a quarta maior em extensão (370.000 km<sup>2</sup>) dentre as sete bacias tributárias da margem direita do rio Amazonas, abrangendo territórios no Peru, Bolívia e Brasil (Figura 1). Em território brasileiro corresponde aproximadamente a 354.000 Km<sup>2</sup>, distribuídos em 32 municípios nos estados do Acre, Amazonas e Rondônia (ANA, 2011).

### **Figura 1- Localização da Bacia Transfronteiriça do Rio Purus -AM**



Fonte: Pereira, Szlafsztein, Araújo, 2016.

Na margem direita do rio, localiza-se Beruri, município do Estado do Amazonas, Região Norte do país. Pertence à Região Geográfica Imediata de Coari e à Região Geográfica Intermediária de Manaus, se estende por 17.250,7 km<sup>2</sup> e conta com uma população de 20.503 habitantes (IBGE, 2021). Trata-se, portanto, de um município com uma densidade demográfica de 1,1 hab/km<sup>2</sup>.

O significado do nome Beruri, para seus moradores, vem da palavra indígena “Baruru” que significa tracajá maneta<sup>3</sup>. As principais etnias de Beruri são: Apurinã, Mura, Tikuna, Jamamadi, Dessana, Tukano, Kubeo, Miranha, Kambeba, Tatuyo, Kokama e Baré, dentre as quais se destacam como as mais antigas as etnias Apurinã, Tikuna e Mura.

De acordo com os dados do IBGE (2020), sobre trabalho e renda, o salário médio mensal era de 1,7 salários mínimos. A proporção de pessoas ocupadas em relação à população total era de 6.0%. Na comparação com os outros municípios do estado, ocupava as posições 31 de 62 e

<sup>3</sup> O tracajá (*Podocnemis unifilis*) é uma espécie de cágado bastante popular na Amazônia. Disponível em: <https://www.mundoecologia.com.br/animais/tracaja-reino-filo-ordem-familia-e-genero/> Acesso em: 30 abr. 2023.

28 de 62, respectivamente. Já na comparação com o país todo, ficou na posição 3792 de 5570 e 4897 de 5570, respectivamente. Considerando domicílios com rendimentos mensais de até meio salário mínimo por pessoa, tinha 50.3% da população nessas condições. Em relação aos aspectos de infraestrutura, se constata que em Beruri não há transporte aéreo e nem rodoviário, sendo este exclusivamente fluvial.

Esses dados evidenciam que se trata de uma região com particularidades marcantes, evidenciadas pelo modo de vida que caracteriza o dia-a-dia daquela população.

Numa análise mais geral, para Gentil (1988), os municípios na Amazônia estiveram vinculados a formas de dominação, concentração geográfica e social de um excedente de produção e deslocamento de populações, sendo a urbanização uma estratégia do capital para ocupar e controlar rapidamente a fronteira. Já Becker (1974) enfatiza que a criação da Zona Franca de Manaus e a posterior formação do Polo Industrial de Manaus – PIM, impactou negativamente nas economias de pequenos municípios como, por exemplo, Beruri.

Outros aspectos relevantes a serem considerados, são os desafios da baixa oferta de serviços em função da extensão territorial do estado e a aparente falta de vontade governamental na implementação de políticas públicas. Os serviços públicos de maior complexidade como, por exemplo, na área da saúde, concentram-se na capital ou nas cidades médias do estado. Nas cidades pequenas, geralmente distantes da capital, o acesso a serviços públicos pela população é bastante limitado.

Nesse sentido busca-se compreender a relação da população local com o rio Purus, particularmente os adolescentes e jovens no trajeto para chegar até a Escola de Ensino Médio, na cidade de Beruri.

### **Rio Purus como “estrada” para escola**

Um elemento central na configuração das sociedades humanas foi sua relação com os rios. Desde o período em que o homem se sedentarizou, há mais de 6 mil anos, buscou estabelecer-se nas margens dos rios, como foi o caso dos egípcios, com o rio Nilo, dos Sumérios, com os rios Tigres e Eufrates e, tantas outras civilizações surgidas concomitantes e posteriores a essas. Processo semelhante ocorreu nas Américas, com as populações nativas que se beneficiavam das águas dos rios para sua sobrevivência e para seu deslocamento. Da mesma forma, os europeus quando aqui chegaram tinham, inicialmente, o uso do litoral para se deslocarem e, na sequência, os rios serviram com estradas para a interiorização no continente.

É o que acontece também com as populações tradicionais da região amazônica, particularmente de Beruri e seu entorno, em destaque no presente ensaio. O que interessa especificamente é perceber a relação dos estudantes com o rio Purus, desde sua saída de casa, no meio rural, até a chegada na escola, no meio urbano.

Assim, não é exagero para os estudantes definir o Rio Purus como sua “estrada” para chegar à escola. É pelos rios que os comunitários ribeirinhos chegam à cidade, para venderem seus produtos agrícolas, pescados ou coletados na natureza, como é o caso da castanha-do-brasil, bem como realizar suas compras no comércio local. Segundo Alencar (2005), as pessoas costumam habitar mais as margens dos rios de água branca, ou seja, as várzeas, por oferecerem mais alimento como peixe, e facilitarem a produção agrícola de ciclo rápido, além da criação de animais. A rotina diversificada dos ribeirinhos das cinco comunidades estudadas, através do rio, onde 100% dos deslocamentos são realizados por via fluvial para chegar à cidade, os alunos são os protagonistas e cabe a eles ditar a velocidade de suas idas e vindas.

De igual forma, as enchentes e vazantes do rio Purus determinam a vida dos moradores das comunidades ribeirinhas. Para os moradores dessas comunidades essa dinâmica é natural, muitos realizam suas plantações agrícolas no período da vazante, como mandioca, milho, feijão, melancia entre outras culturas. No período das cheias dos rios, realizam o extrativismo florestal da castanha, açaí, andiroba, buriti, entre outros.

Um das principais características do Rio Purus são suas curvas sinuosas, o que dificulta a navegação dos barcos, podendo gerar encalhamento no solo ou nas pedras do leito do rio, ou em bancos de areia. No período da cheia do rio, as principais dificuldades estão relacionadas a animais peçonhentos e, dependendo do volume de água, em algumas casas a água chega até o assoalho, podendo provocar a suspensão temporária da moradia das famílias, que têm que buscar abrigo em casa de parentes que moram em terra firme.

No Rio Purus, no seu alto curso, cujas nascentes encontram-se em território peruano, a estação a montante de Manuel Urbano (33.690 km<sup>2</sup>) apresenta um hidrograma plurimodal, mas com um período de cheias bem marcado de novembro a maio. Na estação de Lábrea (220.350 km<sup>2</sup>), a amplitude aumenta bruscamente, atingindo um pico de cheia único e suave de janeiro a junho, seguida de uma baixa rápida do nível das águas (Filizola & Guyot, 2011).

As comunidades tradicionais da região amazônica, em sua maioria, vivem às margens dos rios. Possuem costumes e modos de vida diferentes das populações dos grandes centros urbanos e são compostos por ribeirinhos, índios e caboclos. Cada comunidade possui saberes próprios, seja na pesca, coleta, caça ou na agricultura, no manejo das várzeas e nas técnicas

produtivas, herdadas dos indígenas do período pré-colonial. Por isso, “a territorialidade ribeirinha se estabelece, principalmente, a partir do rio. O ambiente das águas tem muita influência na vida ribeirinha, seja na construção das casas, na escolha do horário para as práticas da pesca, entre outras (Fernandes & Moser, 2021, p. 533).

O conceito de população tradicional é bastante discutido entre os pesquisadores, não existindo definição universalmente aceita. Entretanto, vem sendo amplamente empregado como autodenominação de populações rurais quanto à exigência de seus direitos a território e políticas públicas que atendam às suas especificidades e respeitem seus conhecimentos, sua cultura e suas práticas (Colchester, 2000; Castro, 1998).

Diegues (1996) entende que as populações tradicionais possuem um modo de vida específico, uma relação única e profunda com a natureza e seus ciclos, uma estrutura de produção baseada no trabalho da própria população, com utilização de técnicas prioritariamente baseadas na disponibilidade dos recursos naturais existentes dentro de fronteiras geralmente bem definidas, adequando-se ao que a natureza tem a oferecer. Além disso, as populações tradicionais carregam consigo “elementos de ancestralidade ligados a saberes que envolvem a relação homem-natureza e a territorialidade, envolvendo, por conseguinte, a produção-reprodução social e cultural, bem como a identidade desses povos” (Fernandes & Moser, 2021, p. 534).

Num contexto mais geral, se pode afirmar que a região amazônica comporta diferentes povos e etnias que foram se miscigenando ao longo dos processos de migrações e foi se intensificando com a colonização portuguesa e espanhola, principalmente através dos aldeamentos jesuíticos e das vilas organizadas pelos colonos, no período do Brasil colônia. Essa população ribeirinha, de origem ameríndia, também passou a ser conhecida como cabocla. Enfim, “os ribeirinhos são aqueles que, além de residirem às margens de ambientes aquáticos, possuem relações simbólicas, culturais, sociais com esse espaço natural” (Fernandes & Moser, 2021, p. 534).

As comunidades tradicionais de Beruri, são as ribeirinhas, nas quais o Rio Purus exerce um papel importante como fonte de renda, através da pesca. Para Diegues (1994), uma comunidade pode ser considerada tradicional quando se caracteriza pela dependência da natureza, dos ciclos naturais, dos recursos naturais renováveis, com os quais constroi seu modo de vida e tem a noção do território como comunidade que se reproduz econômica e socialmente. Ou seja, o rio, enquanto um lugar, carrega simbolismo e representatividade. Nesse sentido, o Rio Purus é considerado uma “estrada” para escola. Na sequência, se verá a realidade enfrentada

pelos adolescentes e jovens ribeirinhos para conseguir dar seguimento aos seus estudos, na cidade de Beruri.

### **Estudantes e o seu lugar**

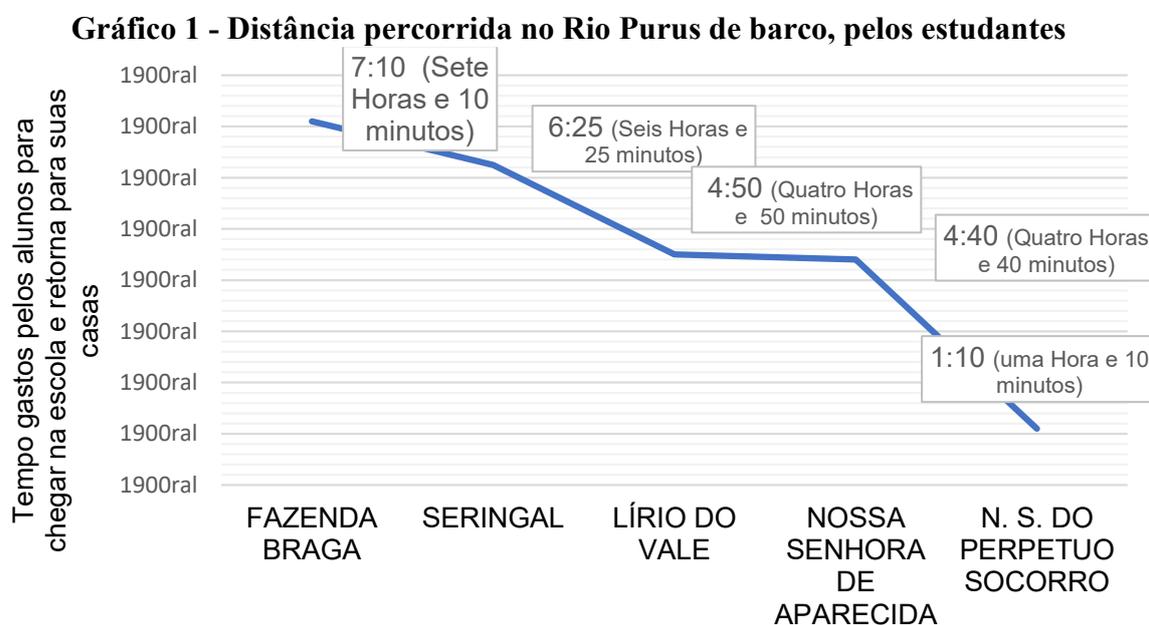
Para se conhecer o cotidiano estudantil do grupo acima referido, é necessário ter presente que, no espaço escolar, diversos sujeitos de gênero, etnia, religião e culturas diferentes interagem e trocam experiências; aprendem conteúdos formais e informais (Silva, 2003). É nesses espaços que se desenvolve saberes, que é, ao mesmo tempo, *arena* de desafios para os estudantes ribeirinhos. Para Vasconcelos (2010), a escola das comunidades rurais/ribeirinhas da Região Amazônica, inseridas num contexto de múltiplas representações e saberes, é desafiada a considerar as peculiaridades dos lugares que nascem do cotidiano das pessoas que moram nas margens dos rios, lagos, igarapés, no interior das florestas e cidades dessa região. Assim, é importante destacar a abundância de água doce, mas, também, a diversidade cultural.

Entretanto, há a preocupação em se ter um currículo que possa ser aplicado e que abarque alunos de diferentes etnias, abordando as especificidades do conjunto de estudantes. Mesmo tendo as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Escolar Indígena na Educação Básica, desde 2015, como a escola engloba alunos não indígenas, é mais difícil ainda contemplar a realidade mais ampla da população ribeirinha, além de ser capaz de valorizar e fortalecer as línguas maternas e os saberes tradicionais de cada grupo e garantir o acesso a conhecimentos científicos não indígenas.

Em Beruri, a educação infantil e o ensino fundamental são ofertadas pela Secretaria Municipal de Educação. As cinco comunidades estudadas possuem duas escolas municipais, sendo que uma delas atende quatro comunidades e está localizada no Lírio do Vale, com aproximadamente 70 alunos. A outra está estabelecida em Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, próximo da cidade de Beruri.

No período da vazante os alunos vão andando por caminhos que conduzem à escola ou através dos barcos, canoa ou lancha rápida. Já no período da cheia do rio Purus, o acesso à escola se dá exclusivamente por meio fluvial. De acordo com o IBGE (2019), o IDEB dos anos iniciais do ensino fundamental da rede pública de Beruri foi de quatro. Ficou na posição 48º, de um total de 62 municípios do estado. Já nos anos finais do ensino fundamental, o IDEB foi de 3,6, ocupando a mesma posição em nível estadual.

Os jovens que buscam o Ensino Médio na cidade de Beruri enfrentam um longo percurso pelo rio Purus, como mostra o Gráfico 1.



Fonte: Silva, 2022.

Os resultados demonstram que os alunos que passam mais tempo no barco são os da comunidade Fazenda Braga, que levam aproximadamente sete horas no trajeto de ida e retorno da escola. Os alunos que gastam um tempo menor são os da comunidade N. S. do Perpetuo Socorro, pela proximidade da comunidade com a cidade. Os próprios estudantes relatam os principais problemas que enfrentam: “A distância da escola é a primeira dificuldade, além de fazer uma boa caminhada do porto da cidade até a escola. O percurso longo dificulta bastante, até porque saímos cedo de casa e já chegamos tarde, cansados e, no outro dia, é a mesma coisa” (Aluno 1).

Neste depoimento do aluno, ressalta-se que o trajeto para a escola já é cansativo, e soma-se a espera pelo barco e, muitas vezes, os riscos que enfrentam no embarque e desembarque em seu local de destino, como ilustram as Fotografias 1 e 2.

### Fotografias 1 e 2 - Aguardo do barco pelos alunos



Fonte: Tavares, 2022

A totalidade de estudantes das cinco comunidades que buscam o Ensino Médio em Beruri é de 21. A comunidade Fazenda Braga lidera com nove, seguida pela comunidade Lírio do Vale com cinco alunos. Por isso, um estudante chama a atenção para o fato de que “se tivesse escola até o ensino médio em nossa comunidade seria muito bom. Dava até para ajudar em algumas coisas em casa e na agricultura. Quando o rio enche rápido, perdemos às vezes muitas coisas na lavoura” (Aluno 2). Já a Fotografias 3 mostra parte do trajeto dos estudantes e a 4, sua chegada na escola.

#### Fotografias 3 e 4 - O trajeto e chegada dos alunos na cidade de Beruri



Fonte: Almeida, 2022

As imagens apresentam as trajetórias cotidianas de jovens de comunidades ribeirinhas, que se deslocam das suas casas para a escola, percorrendo grandes distâncias, seguindo pelo rio Purus. Assim, se percebe uma relação específica com esse território, um lugar “do acontecer solidário e estas solidariedades definem usos e geram valores de naturezas múltiplas: culturais, antropológicas, econômicas, sociais, financeiras, entre outras. Essas solidariedades pressupõem coexistência, logo pressupõem o espaço geográfico”. (Etges, 2023, p. 3). É no território que se

verifica os diferentes arranjos e ajustes socioespaciais em que os grupos sociais estabelecem suas relações, no caso, dos estudantes com o rio Purus.

Em termos pedagógicos e curriculares, a problematização a respeito do rio e do seu entorno, permite “perceber o caráter educativo do território, não só com a percepção do conhecimento científico [...], como os saberes e imaginários não científicos que caracterizam a reprodução da cultura local”. Assim, se percebe “a importância do território no educar” (Oliveira Neto & Sobrinho Filho, 2017, p. 66). É por meio do território, entendido como espaço usado, apropriado, que se possibilita uma compreensão mais aprofundada da realidade cultural, política e social do cotidiano dos educandos, além de garantir a apreensão do conhecimento científico, construído historicamente pela humanidade.

### **Considerações Finais**

Com esse ensaio se teve o objetivo de apresentar as trajetórias realizadas pelos estudantes das comunidades tradicionais que desejam continuar seus estudos, tendo que se dirigir para a escola do Ensino Médio, na cidade de Beruri. Para tanto, utilizam o rio Purus como “estrada” a fim de conseguir chegar até o estabelecimento de ensino. Ao fazer o trajeto, vão construindo e reforçando uma relação de pertencimento e de relação com o rio e seu entorno, bem como compreendendo sua dinâmica.

Nessa região, conforme apontado acima, na superação da distância entre as comunidades ribeirinhas e a cidade de Barueri, o rio tem um papel fundamental, uma vez que a maioria passa mais de seis horas no trajeto de ida e volta de barco. E, ainda, considerando que muitas famílias desenvolvem suas atividades laborais em regime de economia familiar, como pescadores artesanais, agricultores ou extrativistas, os estudantes trabalham antes de ir e/ou quando retornam da escola.

Assim, para esses estudantes ribeirinhos, chegar à escola acaba sendo um desafio todos os dias. O ideal seria que seus direitos de acesso à escola até o Ensino Médio, fosse estendida para suas comunidades tradicionais (ribeirinhas e indígenas) e não precisassem levar tanto tempo para chegar à escola, na cidade. Mesmo porque, passam por situações arriscadas de temporais, com banzeiros (ondas) altos, que podem apresentar risco para todos da embarcação, durante o trajeto para chegar ao educandário.

### **Referências**

ALENCAR, E. F. Políticas públicas e (in) sustentabilidade social: o caso de comunidades da várzea do Alto Solimões, Amazonas. In: LIMA, D. (org.). **Diversidade socioambiental nas várzeas do Rios Amazonas e Solimões**: perspectivas para o desenvolvimento da sustentabilidade, Ibama, Pro Várzea, Manaus, 2005.

ANA. **Plano estratégico de recursos hídricos da bacia Amazônica**: afluentes da margem direita. Agência Nacional de Águas: Brasília, 2011.

ARAÚJO, A. S.; SUGIZAKI, E. O Alto Purus e o Seringueiro, sua Memória, sua História. **Habitus**. Goiânia, v. 18, n.2, p. 635-650, jul./dez. 2020. DOI 10.18224/hab.v18i2.8488.

BECKER, B. K. COSTA, R. H. SILVEIRA, C. D. B. (orgs.). **Abordagens Políticas da Espacialidade**. Rio de Janeiro: UFRJ, 1974.

CASTRO, E. Território, biodiversidade e saberes de populações tradicionais. **Paper do NAEA** 092, maio de 1998.

CESCO, A.; BEZERRA, M. G. Percurso tradutório em Textos Históricos sobre a viagem de descobrimento do Rio Amazonas. **Cad. Trad.**, Florianópolis, v. 41, nº esp. 1, p. 213-230, jan/jul, 2021.

COLCHESTER, M. Resgatando a natureza: comunidades tradicionais e áreas protegidas. In: DIEGUES, A. C. (Org) **Etnoconservação**: novos rumos para a proteção da natureza nos trópicos. São Paulo: Hucitec, 2000.

CUNHA, Euclides da. **À Margem da História**. 3ª ed. Porto: Livraria Chardron, 1922.

ETGES, Virginia E. O “LUGAR e o “Local” no contexto de Desenvolvimento Territorial. Anais do III Simpósio Latino-Americano de Estudos de Desenvolvimento Regional – SLAEDER, Unijuí, 2023.

FERNANDES, J. S. N.; MOSER, L. (2021). Comunidades tradicionais: a formação socio-histórica na Amazônia e o (não) lugar das comunidades ribeirinhas. **Revista Katálysis**, 24(3), 532–541. 2021. <https://doi.org/10.1590/1982-0259.2021.e7971>.

FERRARINI, Antonio. **Progresso e Desenvolvimento no Purus**. São Paulo: Editora FTD, 1978.

FILIZOLA, N.; GUYOT, J. L. Fluxo de sedimentos em suspensão nos Rios da Amazônia. **Revista Brasileira de Geociências**. vol. 41, n. 4, 2011, p. 566-576.

GENTIL, Janete. A noção do Urbano em Áreas de Fronteira: uma revisão teórica. In: **Seminário sobre Amazônia: a fronteira agrícola 20 anos depois**. Belém: Museu Paraense Emílio Goeldi, 1988.

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. “Produto Interno Bruto”. **Portal Eletrônico do IBGE**, 2019. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/am/beruri/panorama>. Acesso em: 30 jun. 2022.

OLIVEIRA NETO, Adolfo & SOBRINHO FILHO, José. Pode o Território Educar? Território e rede temática da educação popular do campo em uma prática educativa na Amazônia ribeirinha. In: SILVA, Christian Nunes da. **Territórios, ordenamentos e representações na Amazônia**. Belém, GAPTA/UFPA, 2017.

OLIVEIRA, D. Portal Amazônia responde: o que são os banzeiros? Disponível em: <https://portalamazonia.com/amazonia/portal-amazonia-responde-o-que-sao-os-banzeiros>. Acesso em: 14 fev. 2023.

PEREIRA, D. M.; SZLAFSZTEIN, C. F.; ARAÚJO, F. A. Avaliação de Risco de desastres na Bacia Hidrográfica do Rio Purus (Brasil) com base em índices compostos. **Revista da Anpege**, v.12. n.17, jan-jul 2016.

SANTOS, Milton. **A urbanização Brasileira**, São Paulo: Hucitec, 1993.

\_\_\_\_\_. O papel ativo da Geografia: um manifesto. **Revista Território**, Rio de Janeiro, 5 (9), p. 103-109, jul./dez 2000.

VASCONCELOS, Maria E. de O. **Identidade Cultural de Estudantes Rurais/Ribeirinhos a partir das Práticas Pedagógicas**. - Manaus: Universidade Federal do Amazonas, 2010.

**Sobre o/a (s) autor/a (s):****Nome completo: Fabio Gomes da Silva**

Graduação em Licenciatura em Ciência - Biologia e Química pela Universidade Federal do Amazonas; Mestrado em Ciências da educação pela universidade Del Este (2018); Doutorando em Desenvolvimento Regional pela UNISC. Email: [fabiogomes.m12@gmail.com](mailto:fabiogomes.m12@gmail.com)

**Nome completo: Virgínia Elisabeta Etges**

Doutora em Geografia, com Pós-doutorado em Planejamento Urbano e Regional na Universidade Técnica de Berlim, docente do Curso de Geografia – Licenciatura e do Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional na UNISC e Bolsista Produtividade em Pesquisa do CNPq. E-mail: [etges@unisc.br](mailto:etges@unisc.br)

**Nome completo: José Antonio Moraes do Nascimento**

Doutor em História, docente do Curso de História – Licenciatura e do Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional na UNISC. Email: [josenasc@unisc.br](mailto:josenasc@unisc.br)